

LÍNGUA E CULTURA: A INTERMEDIÇÃO SIMBÓLICA DO SIGNO LINGUÍSTICO EM FUNÇÃO ONOMÁSTICA NA TOPONÍMIA ALAGOANA, BRASIL

Pedro Antonio Gomes Melo*
petrus2007@ibest.com.br

RESUMO

A nomeação de cidades evidencia os efeitos da sociedade sobre o linguístico e a maneira pela qual a vida social nele se apresenta, sobretudo em seu léxico toponímico, refletindo e refratando a realidade e a forma como seus membros organizam o mundo a sua volta. Assim sendo, buscamos investigar neste texto a toponímia municipal alagoana, em sua formação línguo-cultural, a partir dos nomes dos municípios que compõem a microrregião de Santana do Ipanema, localizada em Alagoas, à luz da teoria de classificação taxionômica de Dick (2007, 1995, 1990, 1987). Após as análises, constatamos que estes topônimos municipais materializam em seus significados, tanto aspectos de ordem geofísica como de ordem antropocultural da localidade nomeada, por meio de intersecções línguo-culturais,

Palavras-chave: linguística; onomástica; toponímia.

1 PRELIMINARES

Estado de Alagoas é composto por 102 municípios distribuídos em 3 mesorregiões e 13 microrregiões. Segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (doravante IBGE), ocupa atualmente área de 27.778,506 km², com densidade demográfica de 112,33 hab/km², limitando-se ao norte e noroeste com o Estado de Pernambuco, ao sul com o Estado de Sergipe, a sudoeste com o Estado da Bahia e a leste com o Oceano Atlântico.

Os nomes dessas 102 cidades constituem, assim, o léxico onomástico-toponímico¹ municipal de uma microtoponímia do Estado, evidenciando com suas isoglossas os efeitos da sociedade sobre a língua e a maneira pela qual o mundo exterior nela se reflete, apresentando características particulares, constitutivas das mesorregiões e microrregiões, tanto no que diz respeito aos aspectos geofísicos quanto aos sócio-histórico-culturais. Logo, oferece um acervo

* Graduado em Letras, Especialista em Filologia (PUC-MINAS) e Língua Portuguesa e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atualmente, é professor assistente da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL).

¹ Isquierdo (2012) define léxico onomástico-toponímico como o conjunto de “unidades lexicais investidas da função de nome próprio de lugar que podem reunir formas do vocabulário comum, alçadas à categoria de topônimos; nomes próprios de pessoas, de lugares, de crenças, de entidades sobrenaturais que são ressemantizadas com o fim precípua de nomear um lugar.

lexical bastante singular com influências internas e externas à língua que refletem aspectos do próprio Estado de Alagoas.

Para esta pesquisa toponomástica, destes 102 topônimos interessa-nos apenas os 10 locativos que nomeiam os municípios da microrregião alagoana de Santana do Ipanema, a saber: Carneiros, Dois Riachos, Maravilha, Ouro Branco, Palestina, Pão de Açúcar, Poço das Trincheiras, Santana do Ipanema, São José da Tapera, Senador Rui Palmeira.

No que diz respeito aos aspectos teórico-metodológicos, este estudo foi realizado a partir de um levantamento desses signos toponímicos² junto ao banco de dados do IBGE (2014) pela internet, seguida de uma pesquisa bibliográfica e documental. E ainda, o instrumento de análise se constituiu principalmente de conceitos basilares da Toponímia, sobre tudo nos trabalhos de Dick (2007, 1995, 1990, 1987) articulados, quando necessário, com disciplinas auxiliares dos estudos da linguagem.

Por fim, quanto à pertinência e atualidade do tema aqui proposto, entendemos que se justifica à medida que poderá oferecer uma real contribuição para a especialidade em questão, possibilitando uma maior visibilidade à leitura sociocultural da língua usada em Alagoas e, conseqüentemente, um melhor conhecimento do léxico da Língua Portuguesa do Brasil, em sua formação, estrutura e funcionamento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Toponímia, compreendida como um recorte do léxico de uma língua, é um ramo da Onomástica e possui como eixo central de seus estudos: o signo toponímico. Para Rostaing (1961, p.7), sua finalidade consiste em “investigar a significação e a origem dos nomes de lugares e também de estudar suas transformações”. Ela corresponde a um *corpus* lexical vivo e funcional que se atualiza continuamente no léxico.

Os estudos toponomásticos viabilizam a compreensão de traços linguísticos e do homem denominador e, conseqüentemente, “permite a percepção de vestígios das contribuições relativas aos aspectos do meio físico e sociocultural em que os topônimos foram gerados e suas transformações ao longo do tempo”. (MELO, 2014, p.117)

Assim, identificarmos intersecções línguoculturais na Onomástica, é percebermos, pois, como determinados aspectos da vida de um grupo se imprimem nestes designativos. Nos termos de Dick (2007) o estudo onomástico:

² Neste texto, emprega-se os termos *topônimo*, *locativo* e *signo toponímico* como equivalentes.

é muito mais do que um mero fator auxiliar do agir e do viver individual ou coletivo; é indício de rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população.

Nessa perspectiva, a Toponímia toma por análise o nome escolhido para representação de um lugar em si e evidencia a realidade física e antropocultural de uma dada região, revelando características de vegetação, hidrografia, fauna, condições de solo e relevo, como também crenças, ideologias, fatos políticos e históricos.

No caso da toponímia alagoana, em decorrência do processo de povoamento e colonização ao qual Alagoas foi submetida, há grandes contrastes e diferenças regionais, sociais e linguísticas, constituindo, dessa forma, uma rede de relações toponímicas em seu léxico que o torna, tanto em sua constituição linguística como sociocultural, bastante fértil para pesquisas lexicais, em particular aos estudos toponomásticos.

O signo toponímico é o signo linguístico na função onomástica designativa de um espaço geográfico e/ou humano. Ele é formado por dois termos: o primeiro chamado de elemento genérico que é relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes e o segundo termo é o elemento específico, que é o topônimo propriamente dito, é o que particularizará a noção espacial.

Quanto aos processos de formação que os caracterizam, podem ser elemento específico simples, elemento específico composto e elemento composto híbrido.

Esses signos toponímicos fazem parte de um vocabulário linguístico histórico, neles podemos encontrar informações que se inter-relacionam com a Toponímia e o mundo biossocial, pois é por meio da língua que dados são fornecidos para que se possa recuperar a realidade sociocultural e histórico-geográfica de um povo.

3 ANÁLISES E RESULTADOS

Foram utilizados o Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa de Cunha (1986) para identificação da origem etimológica dos topônimos e o trabalho de Silva & Kock Linguística aplicada ao português: morfologia (2005) para as análises morfológicas.

3.1 TOPÔNIMOS DE TAXIONOMIAS DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL

Com base na classificação das taxionomias apresentadas por Dick (2007, 1995, 1990, 1987) de natureza antropocultural relacionadas com os aspectos sócio-histórico-culturais que envolvem a relação homem x sociedade. Destacamos que foram registrados 6 designativos municipais no léxico onomástico-toponímico alagoano da referida microrregião. A saber:

3.1.1 Maravilha

Topônimo: Maravilha; **Taxionomia:** Animotopônimo

Etimologia: sf. séc. XIII do latim *mirabilia* ‘coisa admirável’.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *maravilh-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-a*

Informações Enciclopédicas: A povoação original era conhecida pelo nome de Cova dos Defuntos por causa da epidemia de cólera, no final do século XIX, que vitimou centenas de pessoas na região. Uma grande cova foi aberta para enterrar os cadáveres. Um missionário que passou anos mais tarde por ali afirmou que, ao contrário do que se pensava fora de lá, o lugar era uma maravilha pelo povo, pelo clima e pela beleza do sítio. A observação do religioso envaideceu seus habitantes, que decidiram substituir o nome lúgubre por Maravilha. Uma fazenda para exploração da pecuária foi instalada por Domingos Gomes na sua sesmaria, em meados do século XVIII. Tempos depois, alguns membros da família Limeira instalaram-se na região, contribuindo para o seu povoamento e desenvolvimento. Um intenso comércio de peles, a realização de movimentada feira e um descaroçador de algodão incrementaram sua economia de forma decisiva. Em vista do seu crescimento, Maravilha foi elevada à condição de município autônomo pela Lei nº 2.102, de 17 de julho de 1958. Desmembrado de Santana do Ipanema, foi instalado oficialmente em 2 de janeiro de 1959.

Fonte: <http://cod.ibge.gov.br/2A5G>

Nesse caso, temos um topônimo relativo à cultura espiritual, para sua escolha ocorreu uma mudança toponímica por substituição sistemática de Covas dos defuntos para Maravilha, por iniciativa de um missionário que viveu na região alguns anos, diferente do que se divulgava sobre o lugar, ele o considerava como uma maravilha devido ao povo, ao clima e a beleza dos sítios.

Percebemos, nessa escolha que o nomeador é um sujeito situado sócio-historicamente e o signo toponímico remete à intencionalidade do ser humano em um determinado contexto linguístico-cultural que impulsiona dadas eleições no ato da nomeação.

3.1.2 Dois Riachos

Topônimo: Dois Riachos; **Taxionomia:** Numerotopônimo

Etimologia: composto híbrido: num. do lat. *duo, duae* ‘dois’+ sm. séc. XVI do cast. *riacho* ‘curso de água natural’.

Estrutura Morfológica: elemento específico híbrido: morfema lexical *dois* morfema lexical *ri-* + morfema derivacional *-acho* + morfema gramatical flexional aditivo *-s*

Informações Enciclopédicas: Dois pequenos córregos d’água existentes no local, encontrados pelo pioneiro Miguel Vieira de Novaes, em 1907, assinalaram o início do pequeno povoado e deram nome ao município. Miguel Vieira foi designado como chefe da turma responsável pelos trabalhos naquele trecho. Aproveitando a oportunidade, ele construiu um barraco no local onde hoje está situada a Praça da Independência e ali estabeleceu um comércio com uma pequena hospedaria. O progresso culminou com a autonomia municipal, adquirida em 7 de junho de 1960, pela Lei nº 2.238. O município foi instalado oficialmente em 8 de julho do mesmo ano.

Fonte: <http://cod.ibge.gov.br/29J7>

Nesse caso, temos um numerotopônimo representado por adjetivo numeral, formado pelo processo de composição por hibridismo, constituído de bases latinas e castelhana. Esse sintagma toponímico materializa uma relação simbólica entre o léxico e o ambiente da localidade a ser nomeada. O nome do lugar se deu devido a dois pequenos córregos d’água existentes no local.

3.1.3 Palestina

Topônimo: Palestina; **Taxionomia:** Hagiotopônimo

Etimologia: De origem latina sm. séc. XIX *palaestina, -ae* ‘cidade da palestina’

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *palestin-* morfema gramatical classificatório vogal temática *-a*

Informações Enciclopédicas: Sua história começa com a fazenda de Joaquim Félix de Melo e Manoel Januário, que recebeu o nome de Retiro. Após o falecimento de ambos, atravessou uma fase de declínio e depois cresceu novamente. O nome da localidade foi substituído, em 1962, quando foi elevada a município, certamente por influência religiosa de suas lideranças. Em 1940, José Ferreira de Melo, vindo de Pão de Açúcar, chegou à antiga fazenda. Lá, instalou uma mercearia e um entreposto de compra de cereais. Montou, em seguida, uma fábrica de laticínios que produzia, na época, cerca de 10 mil litros de leite por dia, além de um descaroçador de algodão. Nessa época, o local era conhecido como Retiro de Cima. Em pouco tempo formou-se um pequeno povoado. O comércio começou a se expandir e Retiro se desenvolveu. Através da Lei estadual 2.469, de 27-08-1962 o povoado de Retiro passou a ser o município de Palestina.

Fonte: <http://cod.ibge.gov.br/4WXR>

Nesse caso, temos um elemento específico simples. Ocorreu uma mudança toponímica por substituição sistemática de *Retiro* para *Palestina* por influência de lideranças religiosas da localidade.

Esse topônimo faz referência a um lugar sagrado considerado pela igreja católica, sendo assim, temos um hagiotopônimo, comprovando a força da religião católica presente no léxico toponímico municipal alagoano.

3.1.4 Santana do Ipanema

Topônimo: Santana do Ipanema; **Taxionomia:** Hagiotopônimo

Etimologia: composto híbrido: séc. XIII. adj. do latim *sanctus*, -a, -um. 'sagrado' + prep. *de* + termo de origem tupi *Ipanema*.

Estrutura Morfológica: elemento específico híbrido: morfema lexical *sant-* + morfema lexical *-ana* + forma dependente *de* + *o* = *do* morfema lexical *Ipanema*

Informações Enciclopédicas: A história de **Santana do Ipanema** conta que, no final do século XVIII, a atual cidade não passava de um arraial, habitado por índios e mestiços. Com a chegada do padre Francisco José Correia de Albuquerque à região (vindo de Pernambuco), os índios foram catequizados e a primeira igreja construída. Em 1815, os irmãos Martins e Pedro Vieira Rêgo, descendentes de portugueses e vindos da Bahia, foram beneficiados por pelo rei com uma sesmaria, instalando-se perto da Ribeira do Panema (próxima às serras da Camonga, Caiçara e Guky), transformando suas terras em grandes

fazendas e tornando-se os primeiros colonizadores. A freguesia data de 24 de fevereiro de 1836, sob invocação de Sant'Ana. Em 1875 passou a ser vila, desmembrada do território de Traipu. A lei 893, de 1921, elevou Santana à categoria de cidade.

Fonte: <http://cod.ibge.gov.br/5UJB>

Nesse caso, mais uma vez percebemos a influência religiosa presente no ato de nomear acidentes humanos. Dessa vez, com o sintagma toponímico Santana do Ipanema, fazendo referência a Santa Ana, padroeira do referido município, materializando na língua a ideologia religiosa que permeava o pensamento do nomeador no momento histórico de sua escolha.

3.1.5 São José da Tapera

Topônimo: São José da Tapera; **Taxeonomia:** Ergotopônimo

Etimologia: composto híbrido: séc. XIII. adj. do latim *sanctus*, -a, -um. sagrado + prep. *de* + *joseph* + sf. de origem tupi *ta'pera* < 'tauta 'taba' + 'puera que designa aldeia indígena abandonada, habitação em ruínas'

Estrutura Morfológica: elemento específico híbrido: morfema lexical *são* (forma proclítica apocopada de *santo*), morfema lexical *josé* (nome atemático), forma dependente *de* + *a* = *da*, morfema lexical *tapera*

Informações Enciclopédicas: O município foi colonizado por volta de 1900, através de famílias vindas de Pão de Açúcar. As melhorias trazidas pelos comerciantes Afonso Soares Vieira, na antiga fazenda da família Maciano, atraíram novos habitantes, em sua maioria agricultores da região. Estes começaram a fazer taperas, denominação dada pelos indígenas às tabas abandonadas, e pelos brancos, às casas de taipa, como faziam os índios. Uma capela oferecida a São José, naquela época, permitiu a denominação definitiva do burgo, que dava seus primeiros passos: São José da Tapera. Tempo depois, foi criada uma feira de grande aceitação pelos moradores das vizinhanças. A iniciativa fez com que agricultores de outros municípios conhecessem a fertilidade das terras locais, incentivando-os a instalar propriedades no novo núcleo que ali se formava.

Fonte: <http://cod.ibge.gov.br/HD5Q>

Nesse caso, temos um topônimo relativos aos elementos da cultura material, sua principal motivação faz referência aos materiais usados na construção de diversas taperas (tipo de moradia característica da região), retratando a relação entre o homem, o meio e a cultura que o circunda.

Quanto sua estrutura morfológica, temos um topônimo formado pelo processo de composição por hibridismo, constituído de elemento específico híbrido por bases latinas e indígena.

3.1.6 Senador Rui Palmeira

Topônimo: Senador Rui Palmeira; **Taxionomia:** Axiotopônimo

Etimologia: composto latino: séc. XIV. sm. do latim *senator*, *-oris* ‘membro do senado’, *Rui* (?), + *sf. palma*, *-ae*, ‘folha de palmeira’

Estrutura Morfológica: elemento específico composto: morfema lexical *sena-* + morfema derivacional *-dor*

Informações Enciclopédicas: Um dos mais novos municípios do estado homenageia, desde sua criação, um influente político alagoano que defendeu, durante sua extensa vida parlamentar, a irrigação do Sertão com água do Rio São Francisco. Rui Soares Palmeira, advogado, jornalista e empresário rural, foi oficial do gabinete do prefeito de Maceió, secretário da prefeitura da capital alagoana, deputado federal e senador. Antes de se tornar um município autônomo, o povoado era conhecido como Riacho Grande, por haver ali um córrego que inundava o vilarejo durante o inverno. Por volta de 1930, Antônio Afonso, vindo de Palmeira dos Índios, instalou uma fábrica de corda na região hoje ocupada pela sede do município de Senador Rui Palmeira.

Fonte: <http://cod.ibge.gov.br/FLY>

Nesse caso, temos um axiotopônimo que homenageia uma figura de destaque da região com forte influência política e econômica em Alagoas. Esse sintagma toponímico revela uma estratégia de nomear cidades com nomes próprios de políticos locais seguido de seus títulos.

Acreditamos que esse ato linguístico traduz uma representação intencional e objetiva na qual o nomeador, por meio da língua, dá a conhecer a partir da atividade verbal uma demarcação expressiva de poder, de posse, de identidade de domínio geográfico de seu(s) grupo(s) de prestígio socioeconômico em Alagoas.

3.2 TOPÔNIMOS DE TAXIONOMIAS DE NATUREZA FÍSICA

Com base na classificação das taxionomias apresentadas por Dick (2007, 1995, 1990, 1987) de natureza física que se referem ao ambiente natural. Destacamos que foram registrados 4 designativos municipais no léxico onomástico-toponímico municipal alagoano da referida microrregião. A saber:

3.2.1 Carneiros

Topônimo: Carneiros; **Taxionomia:** Zootopônimo

Etimologia: sm. de origem latina. Séc. XIII *carnarium* ‘mamífero reduzido à domesticidade como gado lanígero’+ sufixo português *-eiro*.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical: *carn-* + morfema derivacional *-eiro* + morfema gramatical flexional aditivo *-s*

Informações Enciclopédicas: Conta-se que um carneiro enlouquecido pela sede cavou um enorme buraco com as patas e os chifres até formar uma cacimba. O animal saciou, então, a sua sede. A cacimba recebeu a denominação de Cacimba do Carneiro pelo proprietário do sítio João Francisco, de onde surgiu o núcleo principal da povoação, Sítio do Carneiro. Com o passar do tempo e a autonomia política, começou a ser chamado apenas de Carneiros. A colonização do território do atual município de Carneiros ocorreu em fase recente da história. Por volta de 1923, João Francisco era dono da única casa do lugar. Trata-se do Sítio do Carneiro, núcleo original do povoamento. O bando de Virgulino Ferreira, o famoso cangaceiro Lampião, passou pelo local em 2 de dezembro de 1930 sem provocar maiores danos à propriedade e aos seus habitantes. A partir de 1945, outros colonizadores começaram a chegar e surgiram novas moradias. Desde então, a localidade começou a crescer, atraindo agricultores de outras regiões. O progresso do povoado fez com que ele fosse elevado à condição de distrito em 1960. A emancipação política foi conquistada em 11 de julho de 1962, através da Lei nº 2.454. Desmembrado de Santana do Ipanema, o município foi instalado em 26 de julho do mesmo ano.

Fonte: <http://cod.ibge.gov.br/29F1>

Nesse caso, temos um zootopônimo – relativo à fauna local - na função onomástica de nomear município em Alagoas. Trata-se de um elemento específico simples e sua escolha teve como motivação a referência a um carneiro enlouquecido pela sede que cavou um enorme buraco com as patas e os chifres até formar uma cacimba.

3.2.2 Ouro Branco

Topônimo: Ouro Branco; **Taxionomia:** Litotopônimo

Etimologia: Composição híbrida: sm. do lat. *aurum*, *-i* ‘metal precioso + adj. do germ. *blank* significa da corda da neve.

Estrutura Morfológica: elemento específico híbrido: morfema lexical *our-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-o*, morfema lexical *branc-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-o*

Informações Enciclopédicas: Antigamente denominado Olho D'Água do Chicão, foi palco de luta entre volantes policiais e cangaceiros. O pequeno povoado criado pelo mineiro Domingos Gomes, em 1881, alcançou sua época áurea anos mais tarde com a cultura de algodão. Um novo morador, Antônio Jiló de Campos, impressionado com as suas plantações, batizou-o de Ouro Branco. O povoado onde hoje está o município de Ouro Branco começou a surgir por volta de 1830, mas só em 1881, quando Domingos Gomes mandou construir uma capela de pedra, é que moradores das regiões vizinhas começaram a se mudar para lá. Domingos Gomes chegou ao município vindo de Minas Gerais, e logo comprou terras da família Paranhos. Líder na época, escolheu o padroeiro Santo Antônio e deu o nome de Olho D'água do Cajueiro (nome de uma cacimba que ficava embaixo de um grande cajueiro conhecido na região) à vila que se formava. Depois de alguns anos, Gomes regressou a Minas e seu filho, Francisco Gomes, deu nova dimensão e novo nome ao povoado, que passou a se chamar Olho D'Água do Chicão. Em 1901, foi elevado à categoria de vila e chegou a sofrer ataques dos bandos de Lampião e Antônio Purcino. Anos mais tarde, chegou à vila Antônio Jiló de Campos que, impressionado com a brancura das imensas plantações de algodão, escolheu o nome Ouro Branco para a futura cidade. Elevado à categoria de município com a denominação de Ouro Branco, pela lei estadual nº 2445, de 17-05-1962, desmembrado de Santana de Ipanema.

Fonte: <http://cod.ibge.gov.br/3NNO>

Nesse caso, temos o litotopônimo formado pelo processo de composição por hibridismo, constituído de elemento específico híbrido por bases latina e germânica.

É interessante observarmos que a presença de litotopônimo – nomes de lugares relativo a minerais - na toponímia brasileira e, conseqüentemente, na distribuição territorial do Brasil especificamente aqueles que estão relacionados às riquezas da terra (ouro, prata, pedras) representa a característica toponímica de retratar a realidade exterior do mundo por

meio da palavra, no caso aqui analisado expressa a relação com a riqueza dos minerais do solo alagoano:

3.2.3 Pão de Açúcar

Topônimo: Pão de Açúcar; **Taxionomia:** morfotopônimo

Etimologia: Composição híbrida: sm. do lat. *panis*, *-e* 'alimento feito de massa de farinha de trigo e outros cereais + prep. *de* + sm. do ár. *as-sukkar* 'produto alimentar de sabor doce'.

Estrutura Morfológica: elemento específico híbrido: morfema lexical *p-* + morfema derivacional *-ão*, forma dependente *de*, morfema lexical *açúcar*

Informações Enciclopédicas: Nos engenhos da época colonial havia moenda, caldeiras de cobre, o tendal das forças e a casa de purgar. Nesta última existia uma forma ordinariamente usada para purgar e clarear os pães-de-açúcar. Como o morro Cavalete, ali localizado, assemelhava-se extraordinariamente àquelas formas de engenho, o lugar foi denominado de "Pão de Açúcar". O início do povoamento começou por volta de 1611, através da mistura de brancos e índios da Serra do Aracaré, Estado de Sergipe. No início do século XVII, os Urumaris, índios que habitavam a região, conseguiram do Rei D. João IV terras às margens do rio São Francisco. Deram ao lugar o nome de "Jacibá", que na linguagem tupi-guarani significa "Espelho da Lua". A doação causou inveja aos índios Chocós, que invadiram as terras dos Urumaris e os expulsaram de lá. Em 1634, Cristóvão da Rocha tomou posse das terras onde hoje está o município. Em 1660, porém, as terras passaram, por carta de sesmaria, para o português Lourenço José de Brito Correia, que instalou uma fazenda de gado e deu a ela o nome de Pão de Açúcar. O nome vem da forma de um dos morros que era semelhante à maneira pela qual se purificava o açúcar. Foi elevado à condição de cidade em 18 de junho de 1887, através da Lei 756, desmembrado de Mata Grande.

Fonte: <http://cod.ibge.gov.br/234VA>

Nesse caso, temos um morfotopônimo formado pelo processo de composição por hibridismo, constituído de elemento específico híbrido por bases latina e árabe. Sua motivação é natureza física, representando a geografia do próprio lugar, ou seja, tem ligação com a forma de relevo alto da região. Esse topônimo é um caso clássico de topônimos transplantados.

3.2.4 Poço das Trincheiras

Topônimo: Poço das Trincheiras; **Taxionomia:** Hidrotopônimo

Etimologia: composição híbrida: sm. do lat. Séc. XVI *puteus*, *-i* ‘cavidade funda, aberta na terra, a fim de atingir o lençol aquífero mais próximo da superfície’ + prep. *de* + sf. do fr. *trenchier* ‘escavação no terreno para proteção dos combatentes’

Estrutura Morfológica: elemento específico híbrido: morfema lexical *poç-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-o*, forma dependente *de* + *a* + morfema gramatical flexional aditivo *-s* = *das*, morfema lexical *trinch-* + morfema derivacional *-eira* + morfema gramatical flexional aditivo *-s*

Informações Enciclopédicas: Um fidalgo holandês de sobrenome Wanderley, na época dos flamengos em Alagoas, entrando em desavença com seus patrícios, foi deportado para Penedo. Passados muitos anos, sentindo-se doente e perto do fim, procurou um pretendente para sua filha solteira. Homem influente, seus amigos encontraram na região do Rio Ipanema um rapaz de bom conceito para o matrimônio com a donzela. Ali eles se radicaram e deram início à povoação, que tinha um poço em suas redondezas. Diz ainda a memória popular que no local foi erguida uma trincheira, durante a luta contra os holandeses. O que se pode deduzir é que o poço existiu, mas hoje está praticamente enterrado sob o leito do Rio Ipanema. A denominação do município vem do fato de ter existido um grande poço - hoje aterrado - próximo ao rio Ipanema. No local foram construídas trincheiras de pedra, para que a população pudesse se defender de um possível ataque holandês. A Lei 2.100, de 15 de julho de 1958, concedeu autonomia administrativa ao povoado, com território desmembrado de Santana do Ipanema. Elevado à categoria de município com denominação de Poço das Trincheiras, pela lei estadual nº 2100, de 15-02-1958, desmembrado de Santana do Ipanema.

Fonte: <http://cod.ibge.gov.br/BCZ>

Nesse caso, temos um hidrotopônimo - nomes relativos a acidentes hidrográficos em geral na função onomástica de nomear um município alagoano. Trata-se de um topônimo formado pelo processo de composição por hibridismo, oriundo de morfemas lexicais latino e francês.

Interessante percebermos, que todos os nomes toponímicos de natureza física analisados aqui possuem uma ligação muito estreita com o desenvolvimento do homem nos

locais em que habitava. A necessidade de morar em localidades que se apresentassem em maior fecundidade de recursos naturais é uma característica marcante do ser humano.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os nomes de lugares recebem influências internas e externas à língua que podem ser únicas ou combinadas. Essas motivações toponímicas podem vir das condições geofísicas, históricas, culturais, sociais, etimológicas, semânticas, entre outras. Com efeito, os designativos municipais alagoanos trazem informações diretas ou indiretas referente à história do lugar ou do grupo social que constitui o município em questão. Eles correspondem a signos linguísticos em função onomástica.

No caso dos nomes atribuídos aos municípios alagoanos da microrregião de Santana de Ipanema, percebemos que tanto os aspectos de ordem antropoculturais quanto os aspectos de cunho geofísicos estão impressos nesses topônimos de modo que as características do estado de Alagoas podem ser percebidas em seu léxico toponímico. Nesse sentido, os designativos municipais consistem em indicativos da cultura, da história e da linguagem do povo alagoano.

Quanto à produtividade toponímica motivacional, podemos afirmar que os traços línguoculturais que estabelecem a relação entre língua, homem e sociedade foram os que mais determinaram a escolha dos nomes dos municípios da microrregião alagoana aqui pesquisada.

Quanto à etimologia, destacamos que o étimo latino está presente como base lexical em todos os topônimos, sem exceção, tanto nos elementos de formação simples quanto nos elementos específicos compostos e híbridos. E ainda, ressaltamos que o acervo toponímico da referida microrregião alagoana compreende um léxico diversificado, pois sua etimologia aponta características do tupi antigo, do latim, do árabe, do germânico, do castelhano, do francês, e até mesmo em raízes da língua portuguesa herança ainda do estado de Alagoas da época de colonização.

Por fim, ressaltamos que foi possível percebermos como os falantes, ao longo dos anos, se valem da língua para representar o mundo a sua volta, expressando valores partilhados nas designações de acidentes humanos. Assim sendo, acreditamos que este estudo possibilitará um resgate sócio-histórico e linguístico de um dado grupo social, no caso aqui da

microrregião alagoana Santana do Ipanema, a partir da identificação de intersecções línguoculturais impressas nos topônimos.

LANGUAGE AND CULTURE: THE SIGN LANGUAGE IN FUNCTION TOPONYMIC IN LEXICON OF ALAGOAS, BRAZIL

ABSTRACT

The appointment of cities demonstrates the effects of society on the language and the way in which the social life it presents itself, especially in its toponymic lexicon, reflecting and refracting reality and how its members organize the world around you. Therefore, we seek to investigate this text Alagoas local place names in their lingual -cultural training, from the names of the districts within the micro-region of Santana do Ipanema, located in Alagoas, in the light of taxonomic classification theory Dick (2007, 1995, 1990, 1987). After analysis, we found that these local place names materialize in their meanings, both aspects of geophysics order as antropocultural order of the named locality, through lingual - cultural intersections.

Keywords: linguistics; onomastics; toponymy.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 31-05-2014.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira , 1986.

DICK, M. V. de P. do A. Atlas toponímico do Mato Grosso do Sul. 2007. **Revista TRAMA**. v. 3, n. 5, 1º semestre de 2007, p. 141-155.

_____. **Acta Semiotica et Lingvistica**. Sociedade Brasileira dos Professores de Linguística. São Paulo: Universidade de Braz Cubas, 1995, v. 8. p. 97-122.

_____. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

_____. Toponímia e cultura. 1987. **Ver. Inst. Est. Bras.** SP, n. 27, p. 93 -101, 1987.

MELO, P. A. G. de. Onomástica e mudança linguística: um estudo sobre a dinâmica toponímica da microrregião de Arapiraca. **Revista Philologus**, n. 59, mai./ago. 2014, p. 116-136.

ROSTAINING, C. **Les noms de Lieux**. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.



SILVA, M. C. P. de S.; KOCH, I.G.V. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. São Paulo: Cortez, 2005.

Recebido em 10 de julho de 2015. Aprovado em 13 de agosto de 2015.